

NOÇÕES DE JOVENS SOBRE A POLÍTICA NO FUTEBOL – A EXPERIÊNCIA DO GRUPO FOCAL

Pedro Aurélio dos Santos Luiz¹ – Universidade Estadual de Londrina
Prof^a. Dr^a. Márcia E. Teté Ramos² – Universidade Estadual de Londrina

A influência histórico-política dos clubes de futebol no Brasil circunda os mais variados aspectos do imaginário popular. O cruzeirense não vota no ex-presidente do Atlético Mineiro que concorre à vaga de governador do estado de Minas Gerais; o presidente da república declaradamente corinthiano arquiteta todo um mecanismo público-estatal para a criação de um emblemático estádio que circunda o imaginário dos corintianos e que fora motivo de deboche dos rivais por muitos anos; o gremista não compra utensílios domésticos daquela empresa que patrocina o Internacional-RS, e por aí vão os exemplos, fictícios ou não, de como o futebol pode ser utilizado para compreender o comportamento do brasileiro em suas tomadas de decisões.

Contudo, percebe-se que determinado objeto de análise histórica ainda é evitado nos métodos de abordagem sobre o comportamento e visões de mundo dos brasileiros, e assim não se busca compreender as diferentes esferas das relações sociopolíticas do brasileiro através da ótica futebolística. Tais relações integram a cultura histórica de uma sociedade, e, para nossa pesquisa, de um determinado grupo: a do jovem estudante de Ensino Médio. Como este estudante interpretaria as relações entre política e futebol? Para responder esta problemática, temos como referência o campo que investiga os usos, funções e formas que o conhecimento histórico assume na sociedade (BERGMANN, 1989/1990).

Para isso, primeiramente, fora proposto a realização de um Grupo Focal que busca compreender as noções de jovens secundaristas acerca das influências histórico-políticas dos clubes de futebol no Brasil, desta forma, poderemos ter um panorama prévio de que maneira o jovem brasileiro trata determinado objeto e que cultura histórica estamos tratando ao pesquisar sobre uma temática tão presente no cotidiano dos estudantes.

O Grupo Focal é uma estratégia de obtenção de dados teoricamente recente, se baseia nos testes mercadológicos que propõe uma análise de produtos através de *feedbacks* de consumidores reunidos em uma sala e descrevendo as experiências na utilização do mesmo. No caso, as experiências são compartilhadas simultaneamente e se direcionam através do controle de um mediador, que pode ou não ser o pesquisador. Sumariamente, nas Ciências

¹ Mestrando do programa de História Social da Universidade Estadual de Londrina. pe.aurelio@hotmail.com

² Orientadora. mtete@uel.br

Humanas, essa estratégia é utilizada para perceber as noções de diferentes grupos sobre um determinado objeto, porém, o intuito do pesquisador não se encontra no objeto propriamente dito, como no caso da empresa que financia aquele grupo para ter uma melhor compreensão dos defeitos e qualidades dos seus produtos, nas humanidades a fonte se constrói nas narrativas dos participantes do grupo (LOPES, 2014).

Desta maneira, o Grupo Focal para obtenção dos dados para a pesquisa colheu os discursos dos jovens participantes a partir de determinadas fontes históricas e promoveu sua transcrição para análise posterior, que, no caso, serão analisadas no decorrer destes escritos.

O Grupo Focal fora realizado no Museu Histórico de Arapongas/PR no dia 06 de dezembro de 2016 e contou com a presença de nove alunos de ensino médio, uma convidada externa não estudante de 19 anos e o diretor do museu.

O objeto de análise se concentra exclusivamente nas narrativas dos alunos, contudo, o método utilizado faz com que o discurso das demais pessoas envolvidas na realização exerçam influência dos discursos propagados, como é o caso das inferências do diretor do museu, que podem ou não terem sido absorvidas pelos estudantes.

A mediação do grupo foi de responsabilidade do proponente da pesquisa, que buscou não sistematizar nenhuma perspectiva, mas apenas guiar as narrativas para que se delimitassem às temáticas propostas e não comprometessem a organização da atividade. Contudo, as mediações de Grupos Focais requerem a participação incisiva do mediador para que o debate seja possível e os objetivos da pesquisa sejam atingidos.

A duração da atividade foi de 1h04 minutos, levando em conta o intervalo de aproximadamente 5 minutos para a leitura e análise das fontes trazidas, que posteriormente serão detalhadas.

O fator comum entre os estudantes pesquisados é que estes estudam na mesma escola e se enquadram na faixa etária de 14 a 17 anos, tem o pesquisador-mediador como professor titular da disciplina de História e estão ambientados com o formato de trabalho em equipe devido a metodologia proposta pela instituição de ensino que pertencem.

Vale ressaltar que o número de participantes da pesquisa é limitado devido às recomendações em torno dos Grupos Focais, que mencionam que um grupo ideal gira em torno de 6 a 10 pessoas, visto que número que exceda isso pode comprometer a interlocução e a análise aprofundada das narrativas, devido às sobreposições de falas e a organização. Baseia-se tal pressuposto em Bernardete Gatti (2005), *Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*: “Grupos maiores limitam a participação, as oportunidades de trocas de

ideias e elaborações, o aprofundamento no tratamento do tema e também dos registros” (GATTI, 2005:22).

Reconhece-se também que a proximidade do mediador, que é professor da disciplina de história dos alunos, pode desfavorecer o desempenho da pesquisa, visto que pode condicionar o comportamento dos participantes, fazendo com que eles utilizem das reações do mediador para realizarem algumas observações ou responderem algum questionamento feito, pois o convívio no cotidiano escolar gera esse reconhecimento.

Porém, a opção pela escolha do pesquisador como mediador se deu, pois, a cautela em relação ao objeto de discussão deveria partir do pesquisador e no caso teria maior cuidado no tratamento da atividade, devido a especificidade do tema. Outro facilitador para a mediação foi que a temática do grupo só foi mencionada no momento de realização da dinâmica, sem prévias.

A forma de registro das interações se deu por meio de gravações de áudio, onde posteriormente foram transcritas e serviram de fonte para a respectiva pesquisa. Termos de autorização dos dados colhidos, como também autorização de participação na pesquisa que foram encaminhados e assinados pelos pais dos estudantes, onde os mesmos foram aconselhados a procurar o pesquisador em caso de dúvidas.

Outro dado a ser mencionado é que dois participantes da pesquisa se ausentaram antes do término, um logo no início e outro nos minutos finais, fator que não comprometeu o desenvolvimento da atividade. Teve também a interferência breve (poucos segundos) de uma funcionária do museu que solicitou a chamada do diretor.

A excluir os momentos mencionados, as interações grupais ocorreram de maneira ininterrupta e contou a participação de todos os alunos, com exceção do participante que se ausentou logo no início por motivos particulares.

O convite para o grupo fora feito a 14 alunos, porém 5 não puderam comparecer, característica que já era esperada, sendo que “ [...] isso deve estar no horizonte dos pesquisadores que precisam fazer um trabalho cuidadoso para obter boa adesão dos convidados a participar do Grupo Focal” (GATTI, 2005:23).

No início da atividade houve a apresentação do proponente da pesquisa e as motivações em sua realização, a instituição de ensino em que pertencia, a linha de pesquisa trabalhada e se partiu para questionamentos que buscassem compreender a visão sobre a disciplina de História, com o intuito de ambientação do grupo.

Nesta perspectiva, mais questões do tipo foram feitas, como: se eles viam funcionalidade na disciplina de História para a vida; se eles viam a História no dia a dia; se

tinha importância, etc. As respostas variam, desde os que não apresentavam argumento em torno da questão, pois nunca haviam pensado sobre a temática, até os que elaboraram melhor sua argumentação.

Olha, sei não. Eu não sei o que falar (Participante visitante).³

Vejo. Principalmente discutindo com aquele tiozão de sessenta anos que acha que a ditadura foi bom (Aluno 1).

O aluno que viu função na disciplina de História ao lidar com o “tiozão”, complementou dizendo que um simples contraponto na análise dos discursos das pessoas que estavam envolvidas diretamente na ditadura civil-militar brasileira (1964 – 1985) colocava em xeque a “bondade” do período.

Um outro discurso lida com a relação do passado – presente:

É algo que a gente precisa pra conhecer o nosso passado. Pra ver o que que a gente passou, como que foi, como que a gente chegou aqui, como que a gente tá aqui, como que surgiu a nossa família, como que a cidade em si existe (Aluna 4).

Através das narrativas percebeu-se que eles acreditam numa relativa importância nos estudos da História, pois houve um consenso afirmando o questionamento, porém, há uma disparidade em torno das argumentações, há os que procuraram fundamentar melhor e os que não possuíam um pensamento consolidado sobre o assunto.

Poderíamos tratar as narrativas sobre a disciplina de História em uma dinâmica fundamental na historiografia, ou seja, a função pública da História, que remete aos usos do conhecimento histórico para além dos muros da escola.

Nesse sentido, é fundamental refletir a respeito da relação entre trabalho historiográfico do especialista e a recepção, compreensão e utilização desse material por parte da sociedade em sua intrínseca relação com as contingências do tempo. Em outras palavras, se se pensa na relação existente entre o trabalho do historiador, o aprendizado histórico e seus usos históricos políticos e sociais, imprescindível é a existência de uma teoria que pretenda pensar o pensamento histórico por meio da racionalidade que nela está subsumida [...] (ALVES, 2013:54).

Alves esclarece que esse é o propósito do ensino de História, levar os saberes produzidos na academia a uma magnitude social, e o simples fato do estudante se utilizar de relatos orais, fontes documentais, iconográficas, etc., para contrapor a visão do sujeito que acredita que um período, como o da ditadura civil-militar, de restrita liberdade pessoal e que feria os direitos humanos era bom, já dimensiona a capacidade histórico-reflexiva do estudante.

³ Foram preservadas na grafia a forma com que os alunos falaram.

Depois das discussões sobre a disciplina, fora perguntado em torno do método utilizado na escola para tratar dos conteúdos históricos. A lembrar que a metodologia da escola em que os alunos participam se concentra na maior preocupação com os trabalhos em equipe.

A rede de ensino do SESI - Paraná está atrelada ao órgão maior da instituição que é a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEPR), entidade que representa a indústria paranaense e que tem como propósito promover a excelência da indústria paranaense para a melhor qualidade da vida das pessoas (Guia do aluno: Colégio SESI: ensino médio, 2015:5).

Como método de aprendizagem, a escola busca a maior valorização do relacionamento interpessoal dos alunos e funcionários e a maior preocupação com o trabalho em equipe. Desta maneira, os alunos não ficam dispostos em sala de aula da maneira tradicional, enfileirados e direcionados exclusivamente ao quadro negro e ao professor. Eles compõem grupos de 5 a 6 alunos, em mesas circulares, onde executam funções diárias relativas tanto ao trabalho individual e principalmente em equipe.

As equipes são formadas todo começo de bimestre e permanecem na mesma formação até o fim do mesmo período. O método de escolha das equipes é regido pelo professor que aplica a primeira aula do bimestre, porém atende a alguns preceitos institucionais, como por exemplo, não podem participar de equipes que possuam alunos que estudaram com eles no bimestre anterior, além de uma busca por igualdade de gênero nas equipes e a impossibilidade da composição com apenas um aluno de gênero diferente (apenas uma menina ou apenas um menino na equipe). As formações são validadas pelo apoio pedagógico da instituição.

O método da rede de ensino do Colégio SESI do Paraná, chamado de Oficinas de Aprendizagem foi desenvolvido pela pedagoga e empresária Márcia Rigon (*in memorian*), que idealizava uma escola que fosse prazerosa aos discentes no modo como apreendem e que todo o conhecimento construído fosse relacionado às suas vidas. Os alunos deveriam ser autônomos, líderes atuantes em suas comunidades e se tornassem profissionais qualificados e empreendedores (Guia do aluno: Colégio SESI: ensino médio, 2015:7).

A proposta de aprendizagem da escola pauta-se efetivamente numa visão empresarial que tem como pressuposto a formação de sujeitos capacitados ao trabalho, em que muitas vezes os alunos devem realizar algum curso técnico do SENAI no contra turno escolar.

Vale ressaltar que o nome da instituição fora mencionado, pois acredita-se que o método proposto pela instituição auxilia no desenvolvimento da pesquisa e que pode ser uma característica válida para a desenvoltura dos estudantes pesquisados, visto que já carregam conhecimento pertinente para o desenvolvimento do trabalho em equipe.

A proposta pedagógica da escola, em relação ao Ensino Médio, baseia-se na elaboração de oficinas de aprendizagem, busca privilegiar a formação integral do indivíduo, a levar o aluno a agir de maneira crítica em sua comunidade. A respeito especificamente da disciplina de História, a escola esclarece no documento intitulado Proposta e Diretrizes da Disciplina de História, descreve que

Essa abordagem caracteriza-se pela ruptura sistemática com a história linear, cronológica e baseada na narração ou mesmo análise de fatos históricos ligados a ação de heróis no passado. Essa ruptura, ou melhor, tentativa de ruptura, não é recente, como não é nova a percepção da necessidade de formação crítica para a cidadania (SESI/PR, 2015:1).

Com isso, segundo a proposta, o ensino de História do colégio quer lidar com temas específicos de maneira comparativa em contextos diversos, fugindo das características tidas como tradicionais da escola pública.

Inclusive, vê-se que o papel do professor de História, de acordo com o mesmo guia, é o de mediador do trabalho em equipe, com propósito de orientar o aluno na busca pelas informações necessárias para a construção de seu conhecimento.

Sobre a metodologia o Aluno 1 disse:

Acho que essa história sem instigar o pensamento crítico é uma história maquiada... que o principal... pelo menos entende-se que quando você estuda um período você tem que formular uma crítica sobre ou abrangir de forma mais, hã, eu não sei a palavra... mas abrangir de forma mais crítica, eu acho, é... questionando-se se aquilo se encaixa em determinados padrões, etc. (Aluno 1).

Logo, a narrativa do aluno vai na mesma direção da proposta metodológica da escola, contudo, uma barreira encontrada pelos alunos é na hora de prestar o exame do vestibular (teste que habilita a inserção do aluno na universidade), onde se deparam com a seguinte perspectiva: pensamento crítico ou preparação para o vestibular? Ou melhor formulando a análise: trabalhar a elaboração de argumentações críticas em torno de eventos históricos e a sociedade ou trabalhar a disciplina de maneira tradicional visando o melhor desempenho no vestibular?

Eu acho que fica entre os dois. Fica meio a meio. Por que o que decide o nosso futuro vai ser, praticamente, o vestibular, então a gente se foca muito no vestibular porque é algo que vai decidir o que que a gente vai fazer (Aluna 2).

É como se a gente não tivesse essa escolha de focar nessa história crítica porque, muitas vezes, no vestibular não vai pedir ela, entendeu? (Aluna 1).

Seria algo desnecessário olhando pro lado do vestibular (Aluna 2).

Mas aí a gente pensou do lado do engrandecimento pessoal, né? E é por isso que a gente tá aqui assim (Aluna 1).

As visões se embaralham diante dessa dicotomia, mas se percebe também a valorização da História como ciência no fim do diálogo.

A partir desse momento que começam as discussões sobre o futebol no Brasil. Primeiramente, há a intenção de perceber as noções dos estudantes sobre a generalidade do futebol no Brasil, em que categorização ela se enquadra.

As primeiras narrativas veem o esporte basicamente como entretenimento e as argumentações giram em torno do número de praticantes. Porém, logo depois é tratada como “[...] *destino de vida*” (Aluno 3), devido à proximidade entre a vida e o futebol por parte de muitas pessoas (a carga de influência).

Algo assim... “toma essa proporção”, eu acho que no momento em que, é... ele se globaliza no mundo e se torna um esporte primordial, tanto que é feito só um evento para esse esporte que é a copa e os outros são todos dentro das olimpíadas, é... e ele gira toda essa massa de pessoas e essa massa de dinheiro que um esporte somente toma a proporção que, talvez, outros juntos, de outras modalidades e etc. não tomariam. É, no mínimo, incrível (Aluno 1).

Nas narrativas, as justificativas para a popularização do futebol no Brasil a princípio passam pela questão da simples aceitação da população ao esporte e também à supervalorização da prática e perspectiva de enriquecimento pessoal através da profissionalização, visto simbolicamente nos grandes jogadores que saíram da pobreza para prosperar jogando futebol.

É então que a discussão fica mais acirrada ao pensar sobre as mudanças no início do futebol no Brasil e nos dias de hoje. As noções são as mais dicotômicas possíveis. E assim as ideias de segunda ordem se afloram nos discursos juvenis (como a comparação entre passado e presente, a contextualização histórica, a ideia de mudança e permanência, empatia, etc.).

Lembrando que:

[...] Por ideias de segunda ordem, em história, entendem-se os conceitos em torno da natureza da história (como explicação, objetividade, evidência, narrativa) subjacentes à interpretação de conceitos substantivos tais como ditadura, revolução, democracia, Idade Média ou Renascimento (SCHMIDT, BARCA e GARCIA, 2011:11).

A aluna 5 vê os momentos históricos como diferentes, percebe a mudança na temporalidade, comparando presente e passado e argumenta:

[...] *até o nível dos jogadores é diferente, igual... antigamente o Pelé era visto como “nossa, o rei do futebol”, mas se ele vivesse no mundo de hoje e jogasse com os grandes jogadores que tem hoje, ele não seria visto como alguém tão grande assim. O grande interesse das pessoas vão fazendo os jogadores ainda melhores, então, não é que o Pelé foi um grande jogador, é que no tempo dele, como o nível dos jogadores era inferior, ele era visto como alguém maior (Aluna 5).*

Logo sua narrativa é contraposta pelo aluno 3, que também argumenta comparando o nível os jogadores no presente e no passado, mas procura contextualizar historicamente as práticas do futebol:

Eu não vejo dessa maneira. Porque, é... na época deles tudo era diferente, não eram só os jogadores. Gramado era diferente, bola era diferente. Regra era diferente. É tipo, comparar o jeito que eles jogavam na década de 70 e o jeito que eles jogam agora, é um pouco cruel. (Aluno 3)

Os alunos demonstram entender que a sociedade sofre alterações constantemente e que cabe às pessoas terem empatia. Se “colocar no lugar do Outro” tanto do passado como do presente, o que Peter Lee denomina de “empatia”, remete à finalidade última de se ensinar e aprender História: “saber entender – ou procurar entender – o “Nós” e os “Outros”, em diferentes tempos, em diferentes espaços” (BARCA, 2005:16).

A História só poderá reconhecer o que está em contínua mudança e o que é novo se souber qual é a fonte onde as estruturas duradouras se ocultam. Também estas precisam ser buscadas e investigadas, se quisermos que as experiências históricas sejam traduzidas para uma ciência da história. (KOSELLECK, 2006:327)

Na análise de Koselleck percebe-se que basta aos alunos entender tais estruturas para que a ciência histórica seja levada ao seu objetivo, para que faça sentido o espaço de experiência dos jovens e a promover prognósticos, horizontes de expectativa.

Algumas características das narrativas nos mostram determinada noção de historicidade e apontam para alguns nortes específicos:

Primeiro ponto: para os jovens estudantes, o futebol no Brasil está atrelado ao caráter de ascensão social (enriquecimento) e a mudança no esporte passa por esse aspecto mercadológico.

Muitos participantes comentaram que a preparação para criação de jogadores começa logo na infância, com o intuito familiar de formação de jogadores que poderão proporcionar uma vida melhor para suas famílias através do enriquecimento a partir do futebol, visto que essa é uma das poucas alternativas de mobilidade social num país desigual e com poucas oportunidades que é o Brasil. Como fundamentação aponta-se muitos jogadores renomados que passaram por esse caminho: Neymar, Adriano Imperador, Gabriel Jesus, Daniel Alves, Paulinho, entre muitos outros. E com isso a síntese é que o jogador virou produto. Lembrando que a mídia é citada e faz parte desse processo, segundo os jovens. Quando se discutiu sobre o caráter identitário do futebol a mídia foi citada como geradora e presente no imaginário:

A mídia, é, prescreve isso. Fala que... colocando o esporte como um meio de juntar as pessoas de vários lugares, países e, com histórias diferentes... e unir elas com um elo, por exemplo, de esporte, né? Que eles colocam. A mídia coloca muito isso, principalmente nos maiores eventos. (Aluno 2)

Segundo ponto: Os estudantes demonstraram através de suas narrativas terem certa dificuldade para responderem sobre alguns conceitos, como o de política.

Sobre a questão “o que é Política?” as primeiras versões foram: “[...] *forma de governar* [...]” (Aluno 1) e “*Ordem* [...]” (Aluna 2). Mas não promoveram consenso. E a discussão, através da interlocução de proposições, chega a afirmativa próxima ao que comentaram sobre o futebol:

Como qualquer coisa, tudo sofre mudanças. Então, consecutivamente, a política da antiguidade é totalmente distinta da política de hoje, porque são outros objetivos a serem alcançados. (Aluna 1)

A problemática de conceituação nas narrativas se dá no modo como direcionam certos conceitos à vida, há certa confusão na relação Política – Cotidiano. Quando questionados se eles se viam atuantes na política, a maioria se trata como “potenciais atuantes”. Entretanto, percebem o debate, como aquele que estavam tendo, como político e importante para a política.

A vulnerabilidade das narrativas é maior quando questionados sobre “o que é Cultura?”. “*É tudo aquilo que identifica um povo*” (Aluna 2). “[...] *coisa que tá enraizada num povo*” (Aluna 1). Não que fuja das mais atuais referências sobre o tema, mas pelo pouco tempo e suporte que tem durante a atividade, ficam constrangidos com a complexidade da questão e por fim pouco falam.

A conclusão dessa reflexão leva ao terceiro ponto: o futebol é cultural e político.

Você tem uma junção muito forte na questão do futebol, porque interage com cultura no momento em que você tem a correlação com o povo e... ele toma opções políticas, de certa forma, como tudo. Mas com organização (Aluno 1).

Como foi dito anteriormente, o futebol se tornou algo tão abrangente que, vocês sabem, é... pra qual time o papa torce? Pra qual time a rainha Elizabeth torce? (Aluno 3).

Bom, eu penso que hoje também, porque tipo assim, é... se você escolhe um time, vamos usar um exemplo: São Paulo. As pessoas, elas... como o futebol... ele abrange tantas coisas, eles abrangem até o gênero e a sua própria sexualidade. Se você torce pra um time, você vai ser denominado, vamos dar um exemplo... é... palmeiras. “Ai, você é gay”. Então, é bem hipócrita isso, porque futebol... ele tá abrangido em tantas coisas que te envolve até na sua própria sexualidade de gênero (Aluna 3).

Os pontos em questão geraram um consenso e direcionaram as argumentações para o fato de que o futebol no Brasil promove uma influência social grande que extrapola os limites das quatro linhas do campo e se insere no comportamento humano, promovendo formação identitária, a questão de gênero, interferência na economia, influência a política, etc.; e isso historicamente, não é exclusivo dos dias atuais.

Neste momento o debate é interrompido para a explicação de uma atividade com fontes e posterior complementação das arguições.

A atividade realizada no Grupo Focal é basicamente a análise de dois discursos opostos sobre um mesmo movimento que ocorreu nos anos finais de Ditadura civil-militar no Brasil, a Democracia Corinthiana. Ao contrastar dois tipos de fontes, tivemos por finalidade observar como os estudantes exploravam perspectivas históricas diferentes.

O primeiro documento entregue aos alunos pertence a obra *A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura* de Hilário Franco Júnior, professor aposentado da Universidade de São Paulo e especialista na História do Futebol. O trecho comenta sobre características gerais do movimento social organizado dentro do *Sport Club Corinthians Paulista* entre os anos de 1982 e 1984, chamado Democracia Corinthiana.

O líder da Democracia Corinthiana, o rebelde Sócrates, médico como Afonsinho, havia sido escolhido por Telê para ostentar a braçadeira de capitão. Se ele não levantou a taça do mundo, levantou contudo as massas. Como tantos outros cidadãos, desejava o fim da ditadura militar. Em 1984, milhões de brasileiros também vestidos de amarelo participavam da campanha Diretas Já. Da mesma forma que o futebol da seleção de Telê, o jogo político excitava, criava esperanças. Seu meio-de-campo era construído com Tancredo, Ulysses, Fernando Henrique, Montoro e Aureliano Chaves. Respeitados pelas massas, a ele cabia planejar jogadas contra o regime militar, fazer as articulações que levassem à democratização do país. Mas diferentemente da seleção de 1982, que jogara sem pontas, os comícios de 1984 apresentavam arrancadas pela esquerda de Lula e de Brizola, que falavam em transição aprofundamento das transformações sociais. Sócrates, Casagrande e Adilson Monteiro Alves subiam nos palanques e arriscavam com palavras jogadas de efeito que eram recebidas como gols de placa pela torcida. Emblematicamente, o locutor da campanha da Diretas Já! era Osmar Santos, o mais popular radialista esportivo do momento (FRANCO JR., 2007:153).

Além desse trecho, há também a imagem 15 do livro de Franco Jr. que mostra a presença de jogadores de futebol no comício da campanha pelas Diretas Já!⁴ Foto de Orlando Brito, 1984 (Editora Abril).

⁴ Movimento político brasileiro que ocorreu entre os anos de 1983 e 1984 com o intuito de retomada das eleições diretas no país que passava desde 1964 por uma Ditadura civil-militar. O movimento mobilizou milhões de pessoas em comícios e passeatas e teve muitos políticos adeptos, como Dante de Oliveira, Ulisses Guimarães, Leonel Brizola, Lula, entre outros.



Posteriormente à entrega dessas fontes, outros trechos foram apresentados aos alunos, no caso, os subtítulos do capítulo *Democracia Corinthiana* do livro *Guia Politicamente Incorreto do Futebol* de Jones Rossi e Leonardo Mendes Júnior, que são jornalistas de Curitiba. Rossi foi editor da sessão de ciência e saúde do site da revista *Veja*, editor da revista *Galileu* e repórter do site *GI.com* e do extinto *Jornal da Tarde*. Mendes Jr. é repórter e colunista do jornal *Gazeta do Povo*, já trabalhou nas rádios *LBV*, *Clube CBN* e *98* e na extinta *Revista ESPN* (ROSSI e MENDES JR., 2014).

Os subtítulos são: “A democracia era democrática só no nome” (p. 327); “A Democracia perseguia quem discordava dela” (p. 331); “Leão foi ameaçado pela democracia” (p. 332); “A democracia virou aristocracia” (p. 334); “A democracia era filha de Olivetto, Glorinha Kalil e Juca Kfouriri” (p. 336). (ROSSI e MENDES JR., 2014)

Além dos subtítulos, a síntese final do capítulo também fora analisada:

A saída de Sócrates rumo à Itália ajudou a acabar com o movimento, assim como a derrota de Adilson Monteiro Alves para Roberto Pasqua nas eleições de 1985. Mas um movimento que aposta em shows de Rita Lee e Glorinha Kalil para combater puteiros parece fadado ao fracasso de um jeito ou de outro (ROSSI e MENDES JR., 2014:337).

O capítulo em questão tem o propósito de deslegitimar o movimento social organizado dentro do Corinthians, e para isso se utiliza dos argumentos mencionados acima. A crítica é embasada em relatos de personagens inseridos diretamente neste contexto, como o goleiro Leão e o atacante Ataliba. Contudo, promove uma generalização do movimento discutindo pontos específicos, não levando em conta o apelo popular pelo movimento, ou mesmo

analisando de forma mais elaborada os mecanismos políticos utilizados dentro do Corinthians que levaram a democratização das tomadas de decisões dentro do clube.

Para não causar a confusão dos participantes da pesquisa e justificar os excertos apresentados, os trechos da obra foram historicizados com um pequeno cabeçalho apresentando os autores e descrevendo quem são os personagens mencionados.

Após a análise dos documentos então, foi questionado se havia relação entre o período de Ditadura civil-militar no Brasil e o futebol, tendo consenso em afirmativo e construindo algumas narrativas que demonstram a complexidade de tal perspectiva.

Outra coisa bem legal de participar dessa época é que as ditaduras da América Latina em geral influenciavam muito o futebol, principalmente nas copas, pra mostrar pro mundo, lá fora, que tava tudo bem porque o futebol era um sinônimo de que o país tava ok...Mas é que teve o caso da... de vezes que o futebol argentino tentou subornar outros times de fora pra mostrar que a Ditadura Argentina tava, tipo... lindo e maravilhoso (Aluna 1).

A análise da aluna faz um paralelo o contexto da América Latina, citou Argentina, e busca assim expor a perspectiva em outras esferas, com o pensamento de que o uso político do futebol foi apropriado e que a estratégia é válida diante das inúmeras vezes que foi utilizado como recurso de apropriação dos governos.

Possivelmente a narrativa da aluna se utilizou de fontes externas para tal formulação. A relação futebol – Ditadura argentina é muito comentada em programas televisivos devido a Copa do Mundo de 1978 na Argentina, em que a equipe anfitriã, liderada por Maradona, foi campeã sob vários indícios de fraude. Contudo, a análise da aluna não se aprofunda e não pôde ser capaz de maiores conclusões sobre a base argumentativa da narrativa. Mas a interlocução leva a seguinte conclusão:

É um assunto que não é tão abordado, mas ele acaba dando um leque de possibilidades pra gente discutir várias fases da história política e social. Eu acho interessante falar sobre o futebol (Aluna 1).

O propósito da História como ciência é promover a relação com a vida, perceber que os fenômenos sócio-políticos são influenciados por todo um percurso histórico construído, e que o modo com que se analisa o mundo perpassa todas essas características. A consciência histórica leva em conta a alteridade. As análises dos alunos demonstram que os mesmos carregam significativo poder de argumentação e sensibilidades diante do tema. São capazes de promover a interlocução entre contextos específicos e promover generalizações. Há sim uma dificuldade na problematização de conceitos gerais, como no caso de política e cultura, porém os participantes puderam promover uma dinâmica interessante para compreender melhor a relação histórico-política do futebol com a história do Brasil.

Jörn Rüsen (2015) deixa bem claro a utilização do conhecimento histórico para a vida:

[...] sua tarefa cultural prática [ciência] consiste em fornecer um saber útil aos fins de orientação, que resista ao controle crítico de seu conteúdo empírico, de sua consistência e capacidade explicativa teóricas, de suas implicações normativas e de suas configurações. Incumbe-lhe, igualmente a tarefa de rejeitar proposições sobre o passado que não resistam ao controle empírico ou cuja inserção explicativa em articulação abrangente com outros fatos não corresponda aos padrões de uma explicação histórica (RÜSEN, 2015:241).

Nesse ponto de objeção das proposições sobre o passado sem base científica clara, a comparação entre os documentos trouxe algumas dúvidas para o grupo pesquisado. Quando questionados sobre quais documentos condiziam mais com a verdade, não houve consenso. Acredita-se que o principal motivo para a falta de consenso foi o desconhecimento do movimento de Democracia Corinthiana. Isso provocou a falta de clareza diante da contradição das fontes. Contudo, algumas narrativas produzidas foram de grande valia para o entendimento sobre os jovens e que explicitam muito bem o caráter em que se categoriza o discurso juvenil.

Da mesma forma que o futebol foi usado dentro da ditadura como... é...forma de alienação... o próprio termo “pátrias de chuteiras” nasceu em setenta com essa questão do tri, né? Algo assim. É...no final da ditadura, quando o período de crise mais desgastada, a população já tava vendo que aquilo realmente tava sendo ruim para o país, com a questão de... AI5 tava em vigor, é...repressão, crise econômica, é...entra-se o futebol, também, como instrumento de... forma do povo se identificar. O povo se identificava com a seleção de setenta porque é um período econômico que a ditadura, entre aspas, tava boa. É... e agora em oitenta e cinco, o povo passa a se identificar com a democracia corinthiana, questionando se as questões de... devemos ter somente uma pessoa no poder? É... devemos abdicar dos nossos direitos como indivíduo? Etc. (Aluno 1).

Determinada fala deu fim ao grupo e apresentou sinteticamente um parecer sobre a historicidade do momento trabalhado e na narrativa percebeu-se a presença de conhecimentos históricos bem elaborados, que pode estabelecer paralelos temporais associando múltiplos conceitos.

Analisando a narrativa, percebe-se uma descrição do uso político do futebol em dois momentos distintos da história do Brasil (décadas de 70 e 80), e a análise do aluno parte do pressuposto que tais comportamentos se dão de maneira diferente, devido a outras perspectivas, liberdades pessoais, economia, etc.

Em síntese, o futebol se dá como “alienação” e “identidade”. Alienação perante o apelo governamental, de pouca popularização da informação e Identidade nacional, simbólica, atrelada ao embate maior, a Copa do Mundo.

Decorre, por fim, a luta. Questionamento. Futebol como analogia à luta e questionamento sobre nossos direitos. A Democracia Corinthiana passa a reproduzir as vontades do povo diante do desgaste do regime militar.

A relação histórica entre factos pode ser enriquecida se se trabalhar com mais do que uma perspectiva. A História dá respostas provisórias porque pode haver pontos de vista diferentes, utilizando as mesmas fontes, e porque vamos descobrindo novas relações sobre o passado, novas perspectivas. Esta é uma característica fascinante da produção histórica. Que devemos passar aos alunos sem cair no relativismo de considerar que todas as respostas sobre o passado têm a mesma validade. Um programa desta natureza pode ser implementado através de questões problematizadoras adequadas. Tarefas em torno de materiais históricos concretos, que veiculem de algum modo a diversidade da História e que possibilitem a reflexão sobre os seus critérios de legitimação, contribuem para estimular o raciocínio dos jovens. Será uma forma de desenvolver as suas competências de selecção e organização da informação, tão necessárias num mundo de informação plural e contraditória (BARCA, 2001:39).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ronaldo Cardoso. História e Vida: o encontro epistemológico entre Didática da História e Educação Histórica. In: *História & Ensino*. Londrina, v. 19, n. 1, p. 49-69, jan./jun. 2013.
- BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. In: ARIAS NETO, J. M. (org.) *Dez anos de pesquisas em ensino de História*. Londrina: AtritoArt, 2005. p. 15-25.
- BARCA, Isabel, org. *Perspectivas em Educação Histórica: actas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica, 1, Braga, 2001*. Braga: Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho, 2001.
- BERGMANN, Klaus. *A História na reflexão didática*. Revista Brasileira de História. V.9, n.19, set.89/fev.90, p. 29-42.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura, Sociedade*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LOPES, Bernarda Elane Madureira. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. In: *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 3, n.2, ago./dez. 2014.
- ROSSI, Jones; MENDES JÚNIOR, Leonardo. *Guia Politicamente Incorreto do Futebol*. São Paulo: LeYa, 2014.
- RÜSEN, Jörn. *Teoria da História: uma teoria da história como ciência*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.
- SESI – Departamento Regional do Paraná. *Guia do aluno: Colégio Sesi: ensino médio*. Curitiba: SESI/PR, 2015.